



BOI-BUMBÁ GARANTIDO 2018: UM AUTO DE RESISTÊNCIA CULTURAL NA AMAZÔNIA

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues

No espetáculo “Auto da Resistência Cultural”, apresentado em 2018 pelo Boi-bumbá Garantido, a agremiação se propôs a utilizar o Festival Folclórico de Parintins como plataforma midiática para ecoar um discurso onde a arte figuraria como instrumento de transformação social. A proposta da agremiação pretendia amplificar as vozes de grupos sociais pertencentes à sua comunidade de referência na busca pela afirmação de suas identidades, na luta por uma sociedade aberta à diversidade e na construção de uma consciência capaz de levar tornar a humanidade mais justa e fraterna. O objetivo deste artigo é abordar os fundamentos do discurso temático apresentado pelo bumbá durante suas três noites de apresentação, tendo como base os textos direcionados aos julgadores da disputa, as toadas e a revista oficial distribuída à imprensa e ao público em geral.

Palavras-chave: Auto da Resistência Cultural; Festival Folclórico de Parintins; Boi Garantido; Amazônia.

Abstract

In the show “Auto da Resistência Cultural”, presented in 2018 by Boi-bumbá Garantido, the association proposed to use the Parintins Folk Festival as a media platform to echo a discourse where art would appear as an instrument of social transformation. The proposal of the association intended to amplify the voices of social groups belonging to its reference community in the search for the affirmation of their identities, in the struggle for a society open to diversity and in the construction of a conscience capable of leading to make humanity more just and fraternal. The purpose of this article is to address the fundamentals of the thematic discourse presented by the bumbá during its three nights of presentation, based on the texts directed to the judges of the dispute, the tunes and the official magazine distributed to the press and the general public.

Keywords: Auto da Cultural Resistência; Parintins Folk Festival; Boi Garantido; Amazon.

1.0 – Antecedentes históricos do auto do boi na Amazônia:

Explicar o surgimento do auto do boi e sua chegada no Brasil e na Amazônia não é tarefa fácil, tampouco o objetivo deste artigo, mas acreditamos que uma breve introdução sobre a temática contribuirá para o entendimento, mais à frente, dos elementos constitutivos do espetáculo “Auto da Resistência Cultural”, apresentado pelo Boi-bumbá Garantido em 2018. No período entre os anos 1930 e 1950, apareceram inúmeras teorias sobre o surgimento do Bumba-meu-boi em território brasileiro levando em conta as origens ibérica, africana e autóctone. Celso de Magalhães e Silvio Romero defendiam ser portuguesa a origem do repertório narrativo das expressões populares brasileiras, a exemplo do auto do boi. Por outro lado, Nina Rodrigues, pioneiro de estudos sobre a presença negra no país, acreditava que as festas populares e o folclore eram heranças dos povos¹ totêmicos² africanos trazidos compulsoriamente ao Brasil (IPHAN, 2011).

Na corrente ibérica da origem o auto do boi, podemos destacar Renato de Almeida e Luiz da Câmara Cascudo. Estes acreditavam que o Bumba-meu-boi é fruto da fusão de elementos culturais de origem portuguesa com os dos nativos (indígenas) e dos negros:

Renato de Almeida defende que as danças dramáticas brasileiras têm raízes lusitanas e foram reinventadas no Brasil com a combinação de aspectos das culturas dos indígenas e dos negros e Câmara Cascudo sugere que tudo começou com o boi de canastra português: “(...) A

¹ Nina Rodrigues destaca os povos bantus e sudaneses como representantes das práticas totêmicas trazidas ao Brasil.

² Povos totêmicos adotam um conjunto de ideias e práticas baseadas na crença da existência de um parentesco místico entre seres humanos e objetos naturais, como animais e plantas. O conceito refere-se a uma ampla variedade de relações de ordem ideológica, mística, emocional, genealógica e de veneração entre grupos sociais ou indivíduos específicos e animais ou outros objetos naturais, que constituem o totem.



movimentação ginástica do boi-de-canastra trouxe o vaqueiro e o auto se criou pela aglutinação incessante de outros bailados de menor densidade na apreciação coletiva”. (Casculo, s/d,195). O folclorista informa, ainda, que nesse processo de reinvenção no Brasil, convergiram para o auto, personagens do cotidiano do meio pastoril - gente comum do mundo rural, figuras fantasmagóricas que habitam o imaginário popular e animais (IPHAN, p. 16, 2011).

Acreditando na origem africana do auto do boi, Arthur Ramos se sobressai ao alinhar-se a uma corrente de pensamento que reconhece a contribuição do povo negro para a cultura brasileira. Segundo Ramos, o “totemismo africano de sobrevivência no Brasil é essencialmente de origem bantu³, entre cujos povos se achava mais disseminado que entre os sudaneses” (RAMOS, p. 256, 1988):

Arthur Ramos, seguindo os passos de Nina Rodrigues, explica o surgimento do Bumba-meu-boi a partir do totemismo bantu. Busca legitimar sua teoria apresentando o costume bantu de realizar festas totêmicas e relaciona essa tradição cultural com as festas para o boi no Brasil, para ele, inventadas por escravos dessa etnia traficados para a colônia portuguesa na América e que já praticavam o totemismo no continente africano (IPHAN, p. 19, 2011).

As origens das danças de boi no Brasil estão longe de representar um consenso entre os pensadores do folclore e da cultura popular brasileira. No entanto, parece-nos que as duas principais correntes admitem que mesmo tendo sua origem primeira na península ibérica ou no continente africano, o auto do boi sofreu transformações ao agregar elementos culturais dos povos indígenas e da cultura negra, tornando-se algo singular em nosso país. No Maranhão, estado ligado às origens do Boi Garantido, essa transformação também ocorreu, legando ao Bumba-meu-boi uma multiplicidade de personagens e de grupos com características marcantes:

Em torno da figura central - o Boi, animado pelo miolo, também denominado de tripa, alma ou fato, gravitam personagens como o amo (cantador, conhecido por cabeceira, comandante, patrão ou mandador, de acordo com a região), vaqueiros de cordão, vaqueiros campeadores, rajados, marujados, rapazes, caboclos-de-pena, cazumbas, toureiros, tapuios, tapuias, panduchas, caipora, manguda, bichos, índias, índios, burrinha, Dona Maria, Pai Francisco (ou Nego Chico⁶) e Catirina. A ocorrência das personagens varia conforme o estilo adotado pelo grupo. Além das personagens de dentro do grupo, pessoas que podem ser chamadas de apoiadores ajudam a manter a brincadeira como as conserveiras, as mutucas, as torcedoras, as doceiras, as cozinheiras, o gerente, o regente, o fogueiro, o fogueteiro e o ajudante de amo (IPHAN, p. 11, 2011).

A dramatização do auto do boi sofre variações em diversas regiões do país; no Maranhão os bois possuem grupos, subgrupos e sotaques. Os principais grupos são o Africano, Indígena e o Branco, e cada um possui características próprias quanto aos instrumentos utilizados, nas batidas da bateria, na indumentária e na dramatização (AZEVEDO NETO, 1997). Em relação aos sotaques, o autor afirma que ele é, para os brincantes, sinônimo de ritmo ou estilo do bumba-meu-boi. Apesar das diferenças rítmicas, coreográficas e de trajes, persistem em todos os grupos e sotaques elementos básicos na encenação do auto do boi. A história central é a de dois escravos de uma fazenda, uma chamada de Catirina e o outro, seu companheiro, chamado de Pai Francisco:

Um dia, Catirina desejou comer a língua de um boi, pois estava grávida (e desejo de grávida deve ser atendido). Pai Francisco reluta em fazer o que a esposa quer, mas devido à insistência de sua amada, ele acaba sequestrando e matando o boi mais mimoso da fazenda. No decorrer da história, o dono procura desesperado o boi e descobre que ele foi roubado. Manda então os caboclos procurarem o mesmo; e descobre que o Nego Chico (Pai Francisco) fora quem sequestrara o boi e pede-lhe que o restituía. Nego Chico lhe traz o boi, que está muito doente, e nesse momento os dois acordam em chamar um doutor (em algumas versões fala-se do pajé pra curar o boi). É feito um ritual para ressuscitar o boi. Ele urra e sara da enfermidade, mas o dono não vê mais aquele apreço pelo boi e decide mandar matá-lo. O pobre animal é amarrado em um mourão e sangrado até a morte (SILVA FILHO et al, p. 13, 2013).

O folguedo do bumba-meu-boi chegou à Amazônia na bagagem dos nordestinos que vieram aos milhares para a região em busca do sonho do “outro branco”, o látex das seringueiras, ou tangidos pela fome do sertão. Segundo Benchimol (2009), de 1877 a 1920, cerca de 300 mil nordestinos vieram para a região sonhando enriquecer nos seringais amazônicos ou escorraçados pela pobreza extrema. Durante a segunda guerra mundial, chegariam mais 24.300 para servir como “Soldados da Borracha”, de acordo com a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (Caeta). Essa verdadeira massa humana procedia, principalmente, dos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Maranhão. Os folguedos juninos, fortemente ligados ao catolicismo popular, predominante nas terras nordestinas, também migraram para hileia Amazônia. Desta forma, chegaram à

³ Arthur Ramos afirma que entre os bantus o boi é um animal totêmico e, por isso, o auto popular do bumba-meu-boi seria a mais representativa sobrevivência totêmica no Brasil, que embora mesclada com elementos indígenas teria indiscutível origem africana.



região as quadrilhas, os cangaços, os bumbás, as cirandas e outras manifestações folclóricas típicas da quadra junina dos sertões brasileiros.

O médico viajante Robert Avé-Lallemant fez um dos primeiros registros de bumbás na região amazônica, em 1852. De acordo com Avé-Lallemant (1980), a apresentação ocorreu em virtude das comemorações a São Pedro e São Paulo. O bumbá desfilava pelas ruas acompanhado por um grupo folclórico organizado em “duas filas de gente de cor” (pessoas negras). Segundo o autor, compunha o elenco da apresentação um boi alegórico carregado na cabeça por um homem, tuxauas e um pajé. No desenrolar da encenação, o boi morria e depois ressuscitava mediante cantos e procedimentos mágicos do pajé, num rito que chegava a se repetir inúmeras vezes na mesma noite. Com exceção dos tuxauas⁴, nota-se a semelhança entre a trama e os personagens do auto do boi do Bumba-meu-boi do Maranhão, assim descritos por Silva Filho et al (2013).

2.0 – O Boi-bumbá Garantido e o Festival Folclórico de Parintins

Os registros mais antigos do folguedo do boi-bumbá em Parintins datam das primeiras décadas do século XX. O historiador autodidata Tonzinho Saunier registra em sua obra que vários bumbás surgiram em Parintins neste período, como os bois “Diamantino”, cujo dono era um piauiense conhecido como “Ramallete”; “Fita Verde”, de Izídio Passarinho; “Caprichoso”, trazido de Manaus por Emídio Vieira; e Garantido, criado pelo poeta popular e folclorista Lindolfo Monteverde (SAUNIER, 2003). O autor também registra a presença de outros folguedos, como as pastorinhas natalinas e cordões de pássaros e peixes, que se apresentavam em frente às residências ou desfilavam pelas ruas da cidade. Ao longo dos mais de cem anos da presença dos bumbás na Ilha de Parintins, dois resistem até hoje e são os protagonistas do Festival Folclórico de Parintins:

De todos os bumbás que apareceram na Ilha, apenas dois resistiram ao processo de urbanização e crescimento da cidade. Garantido e Caprichoso são os brinquedos de São João dos parintinenses há mais de 90 anos, devido à relação profunda e íntima que criaram com a população (RODRIGUES, p. 58, 2006).

A história do Boi Garantido confunde-se com a saga de uma família de descendentes de negros africanos trazidos compulsoriamente ao Brasil e que migraram para Parintins no século XIX. Lenildo Monte Verde, mais conhecido na Ilha como “Démonteverde”, neto do fundador do Garantido, conta que seus primeiros antepassados a chegarem ao nosso país foram seus bisavós Alexandre da Silva, descendente de franceses, e Germana da Silva, que tinha conseguido escapar da escravidão, filha de um casal proveniente da Ilha de Cabo Verde, na África (MONTE VERDE, 2003). Segundo Démonteverde, Alexandre e Germana se estabeleceram em uma comunidade de pescadores formada, principalmente, por negros, índios e pessoas de baixa renda, localizada na periferia e denominada entre os moradores da cidade como “baixa”⁵. Em 20 de dezembro de 1864, nasceu da união do casal, uma menina chamada Alexandrina da Silva, cujo protagonismo social batizaria seu local de nascimento como “Baixa da Xanda”.

Dona Xanda, como ficou conhecida em Parintins, teve um breve casamento com Marcelo Silva e deu à luz, em 2 de janeiro de 1902, a Lindolfo Marinho da Silva, um menino que viria se tornar o fundador do Boi-bumbá Garantido (MONTE VERDE, 2003). O curumim teve uma infância pobre e cresceu nos terreiros alagadiços da Baixa da Xanda ouvindo as histórias dos pais e avós sobre o Bumba-meu-boi do Maranhão, e em 1913, aos 11 anos, criou seu boizinho no terreiro da casa da mãe e o batizou de Garantido. O nome, segundo Démonteverde (2003), vem de um diálogo entre o curumim e Dona Xanda, que ao saber das intenções do filho teria dito: “você é uma criança e não se garante para botar um boi”! Lindolfo respondeu: “eu me garanto, e o nome dele será Garantido!”. Nos anos 1920, já adulto, ele rebatizou-se como Lindolfo Monte Verde e fez uma promessa a São João Batista: se ficasse curado de uma enfermidade, colocaria seu boi todos os anos nas ruas em honra ao santo padroeiro.

A graça foi alcançada e o bumbá, a partir desse momento, deixou de ser um “brinquedo de São João” para tonar-se um “boi de promessa”. Os bois de promessa estão presentes na cultura do Bumba-meu-boi do Maranhão:

⁴ O termo Tuxaua origina-se do tupi *tuwi xawa* e significa chefe político. No Regulamento do Festival Folclórico de Parintins é definido como chefe da tribo, o personagem caboclo em sua miscigenação, representação alegórica do universo indígena e caboclo da Amazônia.

⁵ Os moradores de Parintins denominam como “baixas” locais que são sujeitos a alagações sazonais na época das enchentes no Rio Amazonas.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

O Bumba-meu-boi é possuidor de símbolos capazes de agir sobre as pessoas que o vivem de diferentes maneiras. Um dos sentidos da participação na festa é o pagamento de promessa, sendo obrigatório seu cumprimento para com o santo. Há múltiplas maneiras de se pagar uma promessa ou de justificar sua participação na festa em pagamento de alguma graça recebida. Alguns iniciam um grupo de Boi devido a um compromisso assumido por um parente ou por motivo de doença; outros devido a partos complicados ou problemas financeiros, dentre outros motivos. São os chamados “Bois de Promessa” oferecidos a São João (IPHAN, p. 88, 2011).

Saunier (2003) afirma que Lindolfo Monte Verde foi o maior folclorista de Parintins. Mestre Lindolfo, título dado pela comunidade parintinense, confeccionava o boi alegórico, compunha e entoava toadas e desafios e ainda liderava a brincadeira mesmo vivendo de forma humilde, como pescador, na Baixa da Xanda. Além de dar-lhe um nome, o fundador também escolheu as cores vermelho e branco para os pavilhões do bumbá, definiu o branco para o seu couro e colocou um coração⁶ encarnado em sua testa. Ele participava ativamente de todas as etapas das apresentações, desde a parte artística até a administrativo-financeira:

Enquanto esteve à frente do Garantido nas ruas da Ilha, Lindolfo adquiriu fama de um repentista notável na criação dos desafios aos bumbás contrários, compositor de toadas genial e cantor insuperável na potência de sua voz. Foi eternizado na memória dos parintinenses o verso que diz: “Quando Lindolfo cantava/, toda terra estremecia/, cantava no São José⁷/, e na Francesa se ouvia” (RODRIGUES, p. 61, 2006).

Da fundação aos anos 1960, Lindolfo Monte Verde foi amo do Boi Garantido e com ele percorreu as ruas de Parintins nas noites da quadra junina, em especial no dia 24 de junho quando também realizava uma ladainha em honra a São João para marcar o pagamento de sua promessa. A cada ano, o Garantido saía pelas ruas com um elenco formado por pescadores, estivadores, trabalhadores rurais e pequenos comerciantes da Baixa do São José. O enredo apresentado combinava os elementos básicos do auto do boi do Maranhão, ou seja, a morte e a ressurreição do boi, mesclando outros oriundos do contexto cultural amazônico, como as lendas indígenas e caboclas e os encantados da floresta. As apresentações também cumpriam um papel de afirmação de identidades e fortalecimento da coesão entre pessoas que viviam invisibilizadas e marginalizadas no resto do ano em uma espécie de gueto afro-indígena localizado, à época, em um ponto extremo da ilha, longe do “centro” da cidade.

Ao longo dos anos, as diversas pessoas que sucederam⁸ Lindolfo à frente do Garantido construíram um discurso que pregou o respeito às tradições, à proximidade com a parcela mais pobre da Ilha e transformou o fundador do bumbá num verdadeiro mito folclórico. Reforço o termo “discurso”, pois os dois bois carregam consigo as tradições do folclore parintinense e emergiram de igual forma do seio das comunidades de baixa renda. No entanto, cada agremiação assumiu, em sua trajetória, slogans⁹ que definiram o estilo de suas apresentações. No lado vermelho, Paulinho Faria, apresentador do Garantido por vinte e seis anos consecutivos, esteve na vanguarda na construção do discurso oficial do seu bumbá nos anos 70. Paulinho imprimiu uma marca indelével no boi vermelho, ao denominá-lo de “O Boi do Povão”, uma referência às pessoas humildes residentes na Baixa do São José, as quais, com muita dedicação, ajudaram e ajudam a construir as apresentações do Garantido todos os anos (RODRIGUES, p. 63, 2006).

Com a criação do Festival Folclórico de Parintins em 1965, os bumbás passaram a se apresentar em quadras durante as quermesses promovidas pela Igreja Católica. Um grupo chamado de Juventude Alegre Católica (JAC), que contava à época com 50 integrantes, liderados por Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor de Souza Barros, criaram um festival que reunia uma variedade de folguedos existentes na Ilha. Dessa forma, os bois deixaram de se enfrentar ocasionalmente pela primazia de passar por alguma rua, transferindo os duelos anuais para arenas/quadras pelo título de campeão do festival. A escolha¹⁰ do melhor bumbá passou a ocorrer efetivamente a partir de 1966 pelo julgamento de uma comissão de jurados, que avalia o espetáculo atribuindo notas a itens¹¹ previamente definidos:

Para definir quem seria o campeão do Festival, foi criado um regulamento prevendo a composição de uma comissão julgadora que iria atribuir notas a alguns elementos constitutivos

⁶ Existem duas versões para a adoção do coração na testa do bumbá: a primeira que teria sido ideia de um dos membros da família Monte Verde aceita pelo fundador, e a segunda de que teria sido pintado pelo artista Jair Mendes após sugestão de Maria Ângela Faria, considerada madrinha do Garantido. O ponto comum está que a inovação passou pela aquiescência do fundador.

⁷ Com a criação da Paróquia de São José Operário nas proximidades da Baixa da Xanda, esta foi rebatizada como Baixa do São José, reduto oficial do Boi Garantido. Situada no extremo oposto da cidade está a Francesa, bairro de referência para os torcedores do Boi Caprichoso.

⁸ Lindolfo Monte Verde faleceu em 5 de julho de 1979.

⁹ O Boi Caprichoso carrega o estigma de ser “O boi da sociedade”, o “Boi da Elite”.

¹⁰ Em 1965 não houve disputa, apenas as apresentações dos bois Garantido e Caprichoso.

¹¹ A lista de itens avaliados chegou a 32 na década de 80 e atualmente são avaliados 21.



das apresentações previamente definidos em comum acordo com as agremiações. Segundo Raimundo Muniz, até 1972 os itens julgados não passavam de seis: evolução do boi, rainha da fazenda, opinião pública, Pai Francisco e Mãe Catirina e figuras engraçadas. Um dos itens mais curiosos da época era o de opinião pública, devido à forma de julgamento, no mínimo, impraticável nos dias de hoje. As notas eram atribuídas logo após o boi deixar a quadra, quando então o locutor oficial da JAC pedia aos presentes para, por meio de palmas, se manifestarem sobre o desempenho do bumbá (RODRIGUES, p.85, 2006)

A criação do festival representa o marco de transformação do “boi de rua” em “boi espetáculo”, o que significou a inserção dos folguedos no mercado de bens culturais. O “boi de rua” saía às ruas para pagar promessas feitas por seus donos; suas apresentações eram marcadas pela simplicidade e os personagens estavam de uma forma ou de outra ligados à trama da morte e ressurreição do boi. Já o “boi espetáculo”, tinha como objetivo maior vencer uma competição e, por isso, ano após ano modificou a forma de construção das apresentações e incorporou elementos que aprofundaram as diferenças entre os bumba-meu-boi do nordeste e os de Parintins. Pelas mãos do artista plástico Jair Mendes, o Garantido urrou (1976), ganhou movimentos de um boi real (1978), introduziu alegorias (1979) para servir de cenários para as representações do imaginário indígena e caboclo e introduziu o fator surpresa em um auto até então previsível.

Os parintinenses passaram a aguardar ansiosos para saber qual seria a nova proeza realizada por Jair Mendes. Entre as surpresas apresentada pelo artista, podemos citar: uma cobra grande que engoliu um grupo de índios; cavalos alegóricos que se ergueram sozinhos montados por brincantes representando as lendárias Amazonas; Deus Tupã aparecendo no meio da quadra sem ter sido visto entrando na mesma; o próprio Jair surgindo de dentro de uma bola de papel em chamas empunhando a bandeira do bumbá; e sua filha personificando Iara¹² a “Mãe D’água”, na primeira alegoria apresentada no Festival. As alegorias, Jair trouxe do carnaval carioca quando esteve no Rio de Janeiro, na década de 70, e conheceu a festa; e em Parintins deu-lhes movimentos. Mas sua grande e inovadora contribuição à festa foi o uso do fator surpresa como estratégia para atrair a atenção do público e pontuar¹³ mais nas fichas de votação (RODRIGUES, 2006).

A rivalidade da disputa foi a força motriz de um processo de crescimento de um festival que hoje atrai milhares¹⁴ de turistas à Parintins e envolve patrocínios de grandes empresas nacionais e multinacionais. Da simples encenação do auto do boi, os bumbás de Parintins formataram uma apresentação segmentada em três atos, cada um com duas horas e meia de duração para cada boi. No último final de semana de junho, Garantido e Caprichoso apresentam um espetáculo que envolve cerca de três mil brincantes, alegorias de até 25 metros de altura e 40 metros de boca de cena para servirem de cenários para lendas amazônicas, rituais indígenas, representações dos tipos sociais da região (figuras típicas regionais) e performances coreográficas baseadas em danças indígenas e no bailado tradicional dos bois da Ilha (bailado corrido). Desde 1995, para viabilizar financeiramente¹⁵ esta espécie de ópera a céu aberto, são captados pelas agremiações recursos do Governo do Estado do Amazonas, de empresas estatais, bancos privados, cervejarias e fábricas de refrigerantes.

O governador do Amazonas, Wilson Lima, e o diretor de Relações Corporativas da Coca-Cola Brasil, Victor Bicca, anunciaram, na manhã desta sexta-feira (12/04), a antecipação do apoio ao 54º Festival Folclórico de Parintins, que acontece nos dias 28, 29 e 30 de junho. O Governo do Estado irá repassar R\$ 5,1 milhões, em três parcelas, aos bumbás Caprichoso e Garantido. O patrocínio da Coca-Cola será de R\$ 2,5 milhões às agremiações. “A gente já vai começar a fazer esse repasse em abril, entendendo que os bois têm seus compromissos para colocar o Boi na Arena, como comprar material, pagar pessoal. Agora, no dia 30 de abril, já há esse compromisso e o Governo do Estado vai honrar. Vamos pagar em três parcelas, a primeira agora em abril e até a entrada do boi na arena a gente quita”, explicou o governador (SECOM, 2019).

Com apresentações cada vez maiores desde a década de 80, diante de um público acostumado a ser surpreendido a cada disputa e face a chegada dos patrocínios e das transmissões ao vivo pela televisão nos

¹² Iara, Uiara (do tupi y-íara, "senhora das águas") ou Mãe-d'água é, segundo o folclore brasileiro, uma linda sereia que vive no rio Amazonas.

¹³ As inovações criadas por Jair Mendes ajudaram o Boi Garantido a se tornar o maior vencedor do Festival Folclórico de Parintins, com 32 títulos de campeão do Festival contra 22 do Boi Caprichoso.

¹⁴ O 54º Festival Folclórico de Parintins bateu o recorde no número de visitantes, com o desembarque de 66.321 turistas, conforme levantamento preliminar do Departamento de Estatística da Empresa Estadual de Turismo do Amazonas (AMAZONAS, 2019).

¹⁵ De acordo com as prestações de contas apresentadas pelas diretorias de Garantido e Caprichoso em 2019, o bumbá vermelho gastou R\$ 9,5 milhões (GARANTIDO, 2019) e o azul R\$ 8,4 milhões (PRESIDENTE, 2019) para produzirem e apresentarem seus espetáculos.



anos 1990, foi necessário apresentar um espetáculo que fosse além do auto do boi tradicional. Uma das estratégias usadas pelo Garantido para evitar a previsibilidade de suas apresentações foi adotar slogans/temas. “Eu, Jair Mendes, minha mãe Maria Ângela Faria e o meu irmão Omir Faria introduzimos os slogans. Depois de alguns anos, passou a ser tema que o boi desenvolvia e desenvolve até hoje na arena” (FARIA, 2020). Segundo Paulo Faria, apresentador do Garantido de 1975 até 2001, o primeiro slogan/tema usado no festival foi “Garantido, a oitava maravilha”. Desde então, eles têm servido de balizadores temáticos das apresentações do bumbá¹⁶, de forma a dar a elas diferenciais cênicos, musicais, plásticos e coreográficos em relação ao ano anterior.

3.0 – Garantido 2018: um auto de resistência cultural

Ao adentrarmos à questão central deste artigo, faz-se necessário explicitar que nossa abordagem terá como base os conteúdos oficiais produzidos pela agremiação e registrados de forma impressa, digital ou fonográfica. Nossas fontes documentais são: a coleção de três livros entregue à Comissão Julgadora, como guias explicativos de cada momento das três noites de apresentações; e a revista oficial, distribuída à imprensa com objetivo de reverberar junto ao público o roteiro e os fundamentos do espetáculo e as letras das toadas do CD 2018 do bumbá, as quais foram selecionadas tendo como referência o tema central daquele ano. Em razão da necessidade de delimitar o escopo da análise e atender aos limites de espaço deste artigo, concentramos nossas inferências nos quatro¹⁷ principais quadros cênicos das apresentações do bumbá na arena: celebração folclórica, figura típica regional, lenda amazônica e ritual indígena.

Os slogans da década de 80 se transformaram em temas nos anos 1990. A mudança não foi meramente semântica, enquanto os slogans carregavam mensagens mais genéricas os temas passaram a ser pensados pelos bumbás como balizadores para escolhas de toadas, coreografias, alegorias e momentos cênicos (lendas, rituais e figuras típicas). Apesar de não constar como item a ser avaliado pelos jurados, os temas ganharam cada vez mais importância ao longo dos anos e atualmente os bois realizam eventos exclusivamente para o anúncio da temática que será defendida no ano seguinte. Em 2017, após a eleição da diretoria do bumbá para o triênio (2018/2019/2020), foi anunciada uma nova Comissão de Artes¹⁸:

Na nova formatação da Comissão de Artes terá também jornalista Wilson Nogueira que é filósofo, escritor e doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, o jornalista Allan Rodrigues – doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, professor da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas; autor do livro *Boi Bumbá Evolução*; o compositor Marcos Moura que é pós-graduando em Gestão e Produção Cultural, folclorista, educador popular, coreógrafo, compositor e ator. O Garantido terá também um reforço na cenografia e cênica com João Fernandes que é formado em Arte Dramática, Dança, mestre de Letras e Artes, gestor e produtor cultural, diretor do Casarão de Ideias, coordenador do curso de especialização Lato Sensu de gestão e produção cultural da UEA membro do Conselho Nacional de Política Cultural – Minc; Segundo Fábio Cardoso, o sentimento de satisfação de contar com nomes importantes para engrandecer o Garantido e torná-lo mais forte para a retomada do título de Parintins. O Messias Albuquerque, também novo integrante da Comissão de Artes, enfatizou que o anúncio da comissão e a realização do seminário serão determinantes para que o bumbá volte com força total para a temporada bovina e consiga o trigésimo segundo título de sua história (FÁBIO, 2017).

A nova Comissão de Artes apresentou o tema “Auto da Resistência Cultural” para o ano de 2018. O diferencial da temática proposta em relação às apresentadas em anos anteriores pelos dois bois residia em levar para a arena do Bumbódromo a visão da arte como instrumento de transformação social, ou seja, fazer da apresentação do bumbá uma plataforma midiática privilegiada para tratar de temas como a intolerância religiosa, a igualdade de gênero, o racismo, o etnocentrismo e outros muitas vezes tratados superficialmente ou até mesmo invisibilizados no, até então, mote principal das apresentações desde os anos 1990: a preservação da Amazônia e a valorização da cultura indígena e cabocla. Em evento realizado no dia 02 de outubro de 2017, os fundamentos da proposta foram divulgados:

Resistir culturalmente tornou-se uma opção de vida do mestre Lindolfo Monteverde ao criar o Boi Garantido em 1913. O folguedo junino que nasce para honrar a promessa de seu fundador a São João Batista, transforma-se ao longo de mais de 100 anos em um instrumento de resistência cultural. A tragicomédia nordestina de Pai Francisco e Mãe Catirina, ao chegar à Amazônia

¹⁶ Após a adoção dos slogans/temas pelo Boi Garantido, o Boi Caprichoso também adotou a mesma prática nos anos seguintes.

¹⁷ Esses quadros são considerados os mais importantes por serem compostos por cenários (alegorias), cênica (dramatizações), dança (coreografias) e toadas específicas.

¹⁸ A Comissão de Artes do Boi Garantido tem a função de pensar, planejar, fundamentar e coordenar a execução das apresentações do bumbá no Festival Folclórico de Parintins. Seus integrantes em 2017/2018 eram: Edwan Oliveira, Fred Góes, Roberto Reis, Marialvo Brandão, Allan Rodrigues, Marcos Moura, Wilson Nogueira, Emerson Brasil, João Fernandes e Hellen Picano (RODRIGUES, 2018a).



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

acolhe elementos culturais dos diferentes povos que habitavam ou imigraram para a Região. O resultado dessa transfiguração cultural foi um auto onde caboclos, negros e indígenas puderam se expressar. Em 2018, o Garantido renova seu compromisso com a realização de uma “Brincadeira de São João” que se constituiu e que se constitui como um espetáculo de resistência pela arte. Essa é a marca do nosso passado e do nosso presente, porque em nós habita o sentimento do nosso fundador de resistir culturalmente. Defenderemos esse princípio na arena a cada passo de dança dos nossos brincantes, a cada acorde musical das toadas, a cada cena e cenário e cantaremos um mundo harmônico como a nossa Batucada (AUTO, 2017).

A sinopse do tema de 2018 do Boi Garantido, apresentada em 2017, nos revela a intenção de abordar a temática da resistência cultural tendo como referência a trajetória de vida do fundador do bumbá e sua atuação de resistir por meio da arte. A opção vai ao encontro do que postula Santos, que preconiza que “os processos de resistências culturais engendrados pelas entidades da cultura popular são construídos por meio da articulação com seu entorno” (2018, p. 5). A resistência é contra “as condições impostas quer sejam por sistemas autoritários, quer seja pelas transformações globais, quer seja pelos processos de colonização e racionalização engendrados pela modernidade tardia” (SANTOS, p. 5, 2018). Logo, o discurso do espetáculo volta-se às tradições do boi, mas o atualiza ao incorporar a resistência a problemas que afligem pobres e índios, negros e outras minorias que sempre fizeram parte da comunidade de referência da agremiação.

Já em junho de 2018, a revista oficial do Boi Garantido daquele ano traz em seu texto de abertura a opção de abordar discurso temático centrado na resistência cultural tendo como base três eixos/atos. O Auto da Resistência Cultural é uma trilogia que trata, artisticamente, da “Identidade, da Diversidade e da Consciência” como resultado do processo da resistência negra e indígena, contra a segregação opressora da colonização europeia (GÓES, 2018). A opção dramaturgica se confirma nos três livros da coleção entregue aos jurados do festival no mesmo ano: “resistir culturalmente significa afirmar identidades, lutar por uma sociedade diversa e construir uma nova consciência capaz de transformar o mundo” (RODRIGUES, p. 2, 2018b). A revista oficial traz a fundamentação da subdivisão do tema em três eixos:

Resistência e identidade são homônimas desde o nascimento da humanidade. A Amazônia surge do entrelaçamento do invasor europeu com índios e negros africanos. Somos fruto de uma cultura mestiça, um povo oriundo de matrizes étnicas milenares e diferentes, que tiveram trajetórias igualmente diversas na formação do país. Ao nativo e às pessoas escravizadas na África e trazidas ao Brasil, a única opção foi resistir contra o etnocídio, a invisibilidade social, a perda das tradições e afirmar suas identidades. [...] A diversidade é um dos principais mecanismos que permitem a proliferação e a manutenção da vida, seja na Amazônia ou em qualquer outro lugar do planeta. A normalidade reside em ser diferente, na diversificação reside a força motriz que impulsiona a humanidade e dinamiza a cultura. A diversidade e a resistência oriunda da trajetória das várias etnias presentes na formação social e cultural da região, trouxeram novas cores para se juntar ao verde da hileia amazônica. [...] O Garantido fará apresentações que buscam contribuir com o despertar de uma consciência capaz de transformar o presente e projetar um futuro de liberdade, justiça e solidariedade. Ao dar formas e movimentos ao universo mítico dos índios e tocar os corações mais sensíveis com as representações singelas do nosso folclore, os artistas da Baixa do São José realizam um auto que dá vez e amplifica as vozes dos povos da floresta nos permitindo refletir sobre a aldeia global à partir da Amazônia. (RODRIGUES, p. 8, 2018a).

O enunciado aponta para uma tentativa de tratar na arena do Bumbódromo o papel da resistência cultural no enfrentamento de três problemáticas contemporâneas decorrentes das transformações globais nas estruturas políticas e econômicas: a luta pela identidade, aceitação da diversidade e consciência pacifista. A proposta do espetáculo se alinha com o pensamento de utilizar a arte como instrumento de transformação social para mover mentes e corações, tendo como base a ideia de que “a tarefa exclusiva da arte é a de tomar posição nas lutas de seu tempo, da sociedade, das classes sociais; de favorecer a vitória social de uma determinada tendência, a solução de um problema social (LUKÁCS, 1967).

3.1 – Identidade e Resistência

O subtema desenvolvido pelo Boi Garantido na primeira noite de apresentação do 53º Festival Folclórico de Parintins tratou da relação entre identidade e resistência. A abordagem da questão da identidade no espetáculo passa pelas contribuições de Hall (2006), para o qual ela não é algo estático, mas algo que se forma e se transforma continuamente mediante as relações com os sistemas culturais que nos rodeiam. O discurso da noite volta-se para o fato de mudanças as político-econômicas colocarem em relevo as lutas/resistência pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas em todo o mundo (WOODWARD, 2000). Em vários lugares do planeta, movimentos de diferentes contextos culturais lutam pela manutenção de suas identidades, a exemplo dos povos indígenas e dos quilombolas na Amazônia. O cerne da mensagem temática da primeira noite, exposta nos livros entregues aos jurados,



aponta para um manifesto pela preservação das inúmeras práticas culturais frente ao processo de globalização:

Desde a chegada do colonizador ao Brasil, diversos povos foram subjugados politicamente, culturalmente e pela força. Resistir foi a única opção para evitar o desaparecimento de suas culturas. A resistência cultural foi e continua sendo um importante instrumento de luta de grupos sociais marginalizados na busca pela preservação das suas tradições. Em sua primeira noite de apresentação no Festival Folclórico de Parintins de 2018, o Boi Garantido celebrará a resistência de diversas etnias para que suas identidades não sejam apagadas da história. Os povos indígenas foram os primeiros a resistir à perda de suas identidades com a chegada do colonizador. Na Amazônia, um dos símbolos dessa resistência foi o cacique Manaó, Ajuricaba. Preso, acorrentado e a caminho da capital da província do Grão Pará, ele preferiu imortalizar-se ao se atirar no encontro das águas dos rios Negro e Amazonas do que viver no cativeiro. Ajuricaba compõe o panteão de heróis nativos oriundos das nações que integravam a grande Pindorama, a mítica terra das palmeiras onde reinava a liberdade antes da chegada do invasor. Os negros africanos trazidos compulsoriamente ao Brasil para servirem de força de trabalho escravo na colônia também resistiram. Das senzalas eclodiram movimentos de libertação como o liderado por Zumbi, que fez do Quilombo dos Palmares território dos sonhos de igualdade e de manutenção de identidade. A Cabanagem fez da Amazônia palco de uma revolução negra e indígena por uma sociedade sem segregação social e igualitária. Graças essa resistência, os afrodescendentes possuem referências para continuar a luta por igualdade e toda a cultura brasileira está impregnada pela herança africana (RODRIGUES, p. 3, 2018b).

A apresentação fez referência a mártires negros e indígenas e a um movimento revolucionário na Amazônia. De acordo com o livro dos jurados (RODRIGUES, 2018b), foram encenados quadros onde nomes como Zumbi¹⁹ dos Palmares, Chico Mendes²⁰ e o cacique Ajuricaba²¹, bem como uma encenação da Cabanagem²², foram exaltados e apresentados como símbolos de resistência pelas identidades. A escolha destes personagens e do momento histórico da revolução cabana buscou usar a memória como fator aglutinador em torno de atos de resistência, pois memória e história estão intrinsicamente ligadas (BODART; MARCHIORI, 2011). Para os autores, a memória é “elemento primordial para a construção da identidade, esta também acaba acompanhando as mudanças que se desenrolam ao longo da história” (BODART; MARCHIORI, p. 79, 2011).

A contemporaneidade do discurso leva em conta que mesmo diante da liquidez das identidades (HALL, 2006) eclodem em várias partes do mundo movimentos de afirmação/resistência identitária (BAUMAN, 2005). O subtema busca trazer estas questões para os cenários brasileiro e amazônico (território geográfico e cultural do discurso temático do Boi Garantido), isso quando em meio ao espetáculo faz referências às bandeiras de autoafirmação de movimentos de etnias indígenas, quilombolas e de minorias que fizeram e fazem parte da comunidade de referência do Boi Garantido. Nesta esteira, o roteiro da apresentação entregue aos jurados (RODRIGUES, 2018b) trouxe em seus quatro principais quadros: Celebração Folclórica²³ “Auto da Resistência Cultural²⁴”; a Lenda Amazônica²⁵ “Ajuricaba – história e resistência²⁶”; a Figura Típica Regional²⁷ “Caboclo Artesão²⁸”; e o Ritual Indígena²⁹ “O Sonho de Kainipaye-ro³⁰”.

¹⁹ Zumbi, também conhecido como Zumbi dos Palmares, foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial. Zumbi nasceu na então Capitania de Pernambuco, em região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado de Alagoas.

²⁰ Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes foi um seringueiro, sindicalista, ativista político e ambientalista brasileiro. Lutou a favor dos seringueiros da Bacia Amazônica, cuja subsistência dependia da preservação da floresta e das seringueiras nativas.

²¹ Ajuricaba foi um líder da nação indígena dos manaós no início do século XVIII. Revoltou-se contra os colonizadores portugueses, negando-se a servir como escravo e tornou-se um símbolo de resistência e liberdade.

²² Cabanagem foi uma revolução popular e social ocorrida durante o Império do Brasil de 1835 a 1840, influenciada pela revolução Francesa, na antiga Província do Grão-Pará comandada por: Félix Clemente Malcher, Antonio Vinagre, Francisco Pedro Vinagre, Eduardo Angelim e, Vicente Ferreira de Paula.

²³ Estrutura alegórica que serve como cenário para a apresentação dos itens avaliados relacionados com o auto do boi, a saber: Amo do Boi, Sinhazinha da Fazenda, Boi-bumbá e Vaqueirada.

²⁴ A Celebração Folclórica Auto da Resistência Cultural apresentou um resumo dos fundamentos do tema Boi Garantido de 2018 ao celebrar a resistência cultural das etnias que compuseram a formação do povo brasileiro.

²⁵ Item de avaliação, segundo Regulamento do Festival Folclórico de Parintins, trata-se de ficção que ilustra a cultura dos povos da Amazônia dentro do contexto folclórico do Boi-Bumbá de Parintins.

²⁶ A lenda fez referência a um dos momentos mais dramáticos da resistência indígena na Amazônia: o mergulho histórico do líder intertribal e cacique da tribo Manaó, Ajuricaba. O guerreiro foi líder de uma das maiores guerras indígenas de resistência na Amazônia ao chefiar a celebre Confederação Ameríndia da Amazônia, que fez perigar o domínio lusitano nesta parte do Novo Mundo.

²⁷ Item de avaliação, segundo Regulamento do Festival Folclórico de Parintins, é o símbolo da cultura amazônica, na sua soma de valores a partir dos elementos que compuseram a sua miscigenação.



3.2 – Diversidade e Resistência

A segunda noite de apresentação do Boi Garantido em 2018 voltou-se para a correlação da resistência cultural e a problemática das diversidades étnica, cultural e religiosa³¹ na sociedade contemporânea. A proposta teve como fundamentos os seguintes conceitos de diversidade e etnia:

Entendemos como diversidade tudo o que é diferente, que não se assemelha, não é homogêneo. A palavra ‘diversidade’ tem significados diversos, pois é oriunda do latim, *diversitate*, que significa dessemelhança, diferença, algo que não é igual. Para compreender bem mais o sentido de etnia, iniciamos apresentando a etimologia de uma palavra de origem grega – *ethnos* – que se refere a um grupo ou povo, que pode se dividir em comunidades com semelhanças fundantes em sua estrutura cultural: consanguinidade linguística, culturais e sociais (VIANA; LINS, p. 3, 2018).

O discurso considerou a diversidade cultural como a diferença entre culturas (JUNQUEIRA; KADLUBITSKI, 2011) e defendeu que é necessário resistir culturalmente para que não haja hierarquização de valores ou discriminação. Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, em seu artigo 1, ela é entendida como um patrimônio: “Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade” (UNESCO, p.2, 2002). Logo, a abordagem do binômio resistência e diversidade no espetáculo deu-se a partir de um olhar crítico para as discriminações de referenciais culturais negros e indígenas, que foram tratados de forma secundária em relação aos europeus na formação cultural brasileira (SANTOS, 1996). A sub temática da noite foi apresentada no livro dos jurados da forma abaixo:

A diversidade é um dos principais mecanismos que permitem a proliferação e manutenção da vida em nosso planeta e herança comum da humanidade. Em nosso primeiro ato, exaltamos a luta de várias etnias em defesa de suas identidades, e no segundo faremos um espetáculo de resistência em defesa das diferenças, do respeito e da tolerância. Exaltaremos as diversas cores, crenças e culturas que resistem ainda hoje e são responsáveis pela riqueza do mosaico humano do nosso país. Acreditamos que a diversidade mexe, muda e transforma a construção histórica de uma sociedade. As religiões de matrizes africanas, as crenças dos povos indígenas e outras formas de crer oriundas de várias partes do mundo compõem um cenário religioso multicolorido no Brasil. Por isso, é necessário resistir culturalmente contra a intolerância religiosa, uma das mais antigas formas de discriminação e preconceito. Os ritos e celebrações indígenas, os batuques dos terreiros, as orações dos caboclos sacacas e as promessas enriquecem a cultura brasileira. Celebraremos hoje também a diversidade oriunda da trajetória de resistência das diversas etnias que contribuíram com a formação social e cultural brasileira e da Amazônia. Em nosso espetáculo, a resistência e a diversidade cultural estão representadas nas lendas de seres encantados, como a Matintaperê, nas danças tribais e nas referências aos folguedos juninos, que preservam na sua apresentação modalidades de danças com raízes indígenas, africanas e dos povos europeus. Exaltaremos as diversas formas de ser, crer e de agir e em favor de uma sociedade justa e diversa (RODRIGUES, p. 2, 2018c).

A diversidade religiosa ganhou destaque na apresentação em relação a outros aspectos da diversidade cultural. A toada que serviu de suporte musical ao primeiro quadro da noite, a Celebração Folclórica “As cores da Fé³²”, expôs um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade na atualidade: “O Boi Garantido celebra as cores da fé,/ contra a intolerância religiosa,/ em nome da diversidade!” (DIAS; KENNEDY; MOURA, 2018). A mesma estrutura alegórica da celebração transformou-se na

²⁸ A Figura Típica defendeu que a resistência cultural pela arte está presente nas obras dos caboclos artesãos na Amazônia. O Caboclo Artesão de Parintins é reconhecido internacionalmente pelas suas habilidades como pintor, escultor, aderecista, cenógrafo e construtor de grandes alegorias.

²⁹ Item de avaliação, segundo Regulamento do Festival Folclórico de Parintins, constitui-se como recriação de rito xamanístico, fundamentado através de pesquisa, dentro do contexto folclórico do boi-bumbá.

³⁰ A resistência cultural identitária por meio dos ritos é mote do Ritual “O Sonho de Kainipaye-ro”. É um ritual de transcendência espiritual do Pajé, realizado pelos Araweté. A vida dos Araweté é toda orientada pela antropofagia mítica dos povos indígenas do tronco tupi, que, milenarmente, se impuseram a necessidade de serem devorados pelos “deuses canibais” para se tornarem, também, um deles.

³¹ A diversidade religiosa é um dos aspectos da diversidade cultural.

³² Na Celebração Folclórica “As cores da fé” está representado o direito de ser diferente, sem aceitar, entretanto, as desigualdades sociais advindas com os males dos preconceitos da colonização.



arena e concorreu ao item Figura Típica Regional “O caboclo sacaca³³”, “uma figura humana, tipicamente amazônica, que representa as diferentes crenças que compõem a identidade cultural religiosa dos povos da floresta” (RODRIGUES, p. 25, 2018c).

A diversidade religiosa e a intolerância também fazem parte do cotidiano de Parintins. Um mapeamento que vem sendo realizado em 2013, aponta para a existência de aproximadamente 200 espaços religiosos na cidade (SILVA FILHO; SILVEIRA, 2015), divididos em católicos, evangélicos e afro-brasileiros. “No que diz respeito às afrorreligiões, parece que foram progressivamente afastadas do núcleo urbano central e empurradas para situações de invisibilidade” (SILVEIRA; BIANCHEZZ, p.63, 2019). Em razão disso, dois dos quatro principais quadros cênicos da noite foram dedicados à temática da diversidade religiosa, onde o discurso presente na apresentação buscou sensibilizar os espectadores para o pensamento de que “a tolerância religiosa é antes de tudo uma exigência de sociedades civilizadas e o progresso da razão abranda a ignorância, os preconceitos e o fanatismo” (CARDOSO, p. 130, 2003).

Os outros dois quadros da apresentação voltaram-se para as crenças e os ritos de iniciação dos povos indígenas. Neste aspecto, o discurso temático dá às religiões das sociedades indígenas a mesma importância das demais existentes no mundo, isto por considerar que estas respondem às mesmas necessidades, desempenham os mesmos papéis e dependem das mesmas causas, ou seja, servem perfeitamente para manifestar a natureza da vida religiosa (DURKHEIM, 1989). Dentro desta proposta, a Lenda Amazônica “Matintaperê³⁴” e o Ritual Indígena “Iniciação Marupiará³⁵” foram os quadros que completaram a apresentação do Boi Garantido em sua segunda noite.

3.3 – Consciência e Resistência

O terceiro e conclusivo ato do espetáculo “Auto da Resistência Cultural” colocou em primeiro plano a mensagem da arte como instrumento capaz de produzir transformações sociais. Na verdade, o tema como um todo estava ancorado na perspectiva de que a obra de arte deve constituir-se como um apelo ao espectador para que tome consciência de sua realidade e seja convidado a transformá-la (SARTRE, 1999). O subtema “Consciência e Resistência” parte da crença de que “a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações” (BARBOSA, p.11, 1998) e o artista um “porta-voz da sociedade” (FISCHER, p. 51, 1987). O subtema foi apresentado no livro dos jurados dessa forma:

Resistir culturalmente significa acreditar que se pode fazer revolução com paixão, arte e criatividade. Uma revolução baseada na construção de uma consciência capaz de construir um mundo mais inclusivo e aberto, onde a vida e a liberdade sejam os bens mais importantes. De “Parintins para o mundo ver”, o Boi Garantido apresenta no último ato do “Auto da Resistência Cultural” um espetáculo de reafirmação o compromisso de Mestre Lindolfo Monteverde de resistir culturalmente em favor de um mundo onde haja a valorização da diversidade cultural, da justiça social, do respeito a todas as identidades e em defesa do meio ambiente. Resistir culturalmente tornou-se uma opção de vida do Mestre Lindolfo Monteverde ao criar o Boi Garantido em 1913. O folguedo junino que nasce para honrar a promessa de seu fundador a São João Batista, transforma-se ao longo de mais de 100 anos em um instrumento de resistência cultural. A tragicomédia nordestina de Pai Francisco e Mãe Catirina, ao chegar à Amazônia acolhe elementos culturais dos diferentes povos que habitavam ou migraram para a Região. O resultado dessa transfiguração cultural foi um auto onde caboclos, negros e indígenas puderam se expressar. Em 2018, renovamos o nosso compromisso com a realização de uma “Brincadeira de São João” alegre, emocionante e que busca contribuir para a construção de uma consciência transformadora. Nossas inspirações veem da coragem e do amor de Chico Mendes pelos povos da floresta, dos encantados como o Gigante Juma, que se levantam em defesa da natureza, e do trabalho dos irmãos Villas Boas e do cacique Prepori Kaiabi na construção do Parque Indígena do Xingu. Em nós habita o sentimento do nosso fundador de resistir culturalmente em busca de

³³ O Sacaca nem é Pajé nem Pai de Santo, mas um humilde curador popular, com o dom de curar através de forças espirituais e ervas medicinais. Segundo os Sacacas, os espíritos dos antigos Pajés da Amazônia, vivem em cidades encantadas no fundo dos rios, onde habitam seres fantásticos de cores e formas que só eles, os Sacacas, podem ver: os bichos do fundo.

³⁴ A lenda tem origem na herança cultural indígena, repassada pela tradição oral, que alimenta o imaginário não só dos povos da Amazônia, mas de todo o Brasil. Segundo a lenda, a Matinta é uma velha senhora que se transforma em “rasga- mortalha”. Invisível e em metamorfose no meio da noite, ela se manifesta sempre numa grande ventania, provocada por suas asas.

³⁵ O rito de iniciação é necessário para que os meninos sejam preparados para enfrentar as provas da vida real e terem sorte na caça, na pesca e no amor. O ritual é encerrado com a superação das provas pelo iniciado, que recebe das mãos do pajé um cocar de penas de arara vermelha e a marca da lua nova na testa como prova de que se tornou um novo guerreiro da tribo.



A estratégia discursiva da apresentação foi abordar nos quatro principais momentos da apresentação referências a personalidades, acontecimentos e crenças vinculadas à ideia central da necessidade de construção de uma nova consciência capaz de mudar a sociedade. O discurso e a teatralização decorrente deste foram concebidos entendendo que a função da arte é criar consciência, uma consciência da verdade, uma consciência do mundo, “não necessariamente verbal ou verbalizável, sistematizável” (BOAL, p. 33, 2001). O autor considera as diversas formas de organização das coisas empreendidas pela arte, que não somente usa palavras, mas silêncio, cores, sons, ações humanas, no tempo e no espaço, uma vez que a “comunicação estética é a comunicação sensorial e não apenas racional” (BOAL, p. 13, 1996). Os quadros apresentados foram: Celebração Folclórica “Consciência e Tradição Cultural³⁶”; Lenda Amazônica “Juma, o guardião da floresta³⁷”; Figura Típica Regional “Seringueiro da Amazônia³⁸”; e o Ritual Indígena “Kuarup, a festa dos mortos³⁹”.

4.0 – Considerações

O espetáculo “Auto da Resistência Cultural” apresentado pelo Boi-bumbá Garantido em 2018 teve como fundamento a proposta de usar as apresentações durante o 53º Festival Folclórico de Parintins como plataforma midiática para ecoar um discurso em favor do respeito às identidades, da celebração da diversidade e pela construção de uma consciência capaz de tornar o mundo mais justo. As fontes documentais citadas demonstram que em meio à toda energia que emana da arena do Bumbódromo de Parintins, onde as luzes, as danças, as encenações e os cenários (alegorias) fascinam e emocionam os espectadores, a agremiação buscou fazer reverberar e fixar nas mentes e corações mensagens oriundas do clamor da comunidade de referência do bumbá e de outras que sofrem igualmente com o racismo, a segregação, a pobreza, a intolerância e a invisibilidade social. Para tanto, lançou da pesquisa para fundamentação dos conceitos que serviram de base para a concepção sem abrir mão do conhecimentos tradicional que emana da comunidade.

Referências

- AMAZONAS, Empresa Estadual de Turismo do. **Festival de Parintins 2019 bate recorde de visitantes, aponta Amazonastur**. 2019. Departamento de Estatística da Empresa Estadual de Turismo do Amazonas (Amazonastur). Disponível em: <http://www.amazonastur.am.gov.br/festival-de-parintins-2019-bate-recorde-de-visitantes-aponta-amazonastur/>. Acesso em: 02 out. 2020.
- AUTO da Resistência Cultural³ será o tema do Garantido no Festival de Parintins 2018. **A Crítica**, Manaus 4 outubro 2017. Caderno Entretenimento. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/auto-da-resistencia-cultural-sera-o-tema-do-garantido-para-o-festival-2018>. Acesso em: 02 out. 2020.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert (1980). **Rio Amazonas** [1859]. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. São Luís: Editora Alcântara, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utopicos**. Belo Horizonte: Com Arte, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BLANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar. **Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins**: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia. In: BLANCHEZZI, Clarice et al. (Org.). *Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. Manaus: Valer; UEA Edições, 2015.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3ª Ed. Manaus: 2009.
- BODART, Cristiano das Neves; MARCHIORI, Cassiane da C. Ramos. Memória, identidade e resistência: o desenvolvimento econômico como ameaça. **Resgate**, Campinas, v. 23, n., p. 76-86, jun. 2011. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645730/13030>. Acesso em: 02 out. 2020.
- CARDOSO, C. M. **Tolerância e seus limites**: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

³⁶ A celebração trouxe o conceito de que a tradição é o processo dinâmico das ações espontâneas de consciência que levam ao aperfeiçoamento humano, através das manifestações culturais. Foram exaltados, nesse quadro, Ariano Suassuna e Câmara Cascudo, que representam essa consciência em nível nacional; sem esquecer Oswald e Mario de Andrade, atuantes no processo de resistência cultural do modernismo; e os baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso, no tropicalismo. Em referência a nomes de Parintins, a consciência pela tradição cultural, através da arte e da literatura, foi representada pelo Mestre Lindolfo Monteverde e pelo professor, poeta e escritor Tonzinho Saunier, que tanto contribuíram para a valorização das tradições culturais que hoje enriquecem o Festival Folclórico de Parintins.

³⁷ O Gigante Juma é uma lenda da etnia Cawahiva, que, como outros seres míticos indígenas, com o tempo deixou de ser o “monstro” que aterrorizava os povos da floresta e virou um ser protetor da natureza, usando o gigantismo de sua forma pra assustar e até castigar aqueles que depredam as árvores e os animais.

³⁸ O Seringueiro da Amazônia é fruto da transfiguração de nordestinos, índios e caboclos, cujo legado histórico está na identidade cultural dos povos da floresta. O quadro exaltou o legado de Chico Mendes.

³⁹ O Kuarup é um dos rituais mais emblemáticos do mundo indígena, realizado pelas etnias da área cultural do Alto Xingu. A proposta cênica foi recriar o Kuarup realizado em 2003, quando todas as etnias se reuniram para homenagear Orlando Vilas Boas, considerada a maior honraria indígena já feita a um homem branco. O Kuarup - realizado com todo vigor e anualmente - é uma demonstração de que a resistência cultural no Xingu está viva e sempre vigilante.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

- DIAS, Enéas; KENNEDY, João; MOURA, Marcos. As cores da fé. In: JÚNIOR, Sebastião. **Auto da Resistência Cultural**. Parintins: AFBBG, 2018. 1 CD. Faixa 10.
- DURKHEIM, Emile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.
- FÁBIO Cardoso anuncia Edwan Oliveira novo Coordenador da Comissão de Artes. **Parintins Amazonas**, Parintins 13 outubro 2017. Disponível em: <https://www.parintinsamazonas.com.br/?q=279-conteudo-58656-fabio-cardoso-anuncia-edwan-oliveira-novo-coordenador-da-comissao-de-artes>. Acesso em: 02 out. 2020.
- FARIA, Paulo. Entrevista concedida a Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues. Manaus, 02 out. 2020.
- FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.
- GARANTIDO tem contas de 2019 aprovadas por sócios. **A Crítica**, Manaus, 21 setembro 2019. Caderno Parintins. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/parintins/news/garantido-tem-contas-de-2019-aprovadas-por-socios>. Acesso em: 02 out. 2020.
- GOES, Fred. Resistência - Um ato soberano da Liberdade. **Garantido – Auto da Resistência Cultural**. Parintins, p. 5, junho, 2018.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- IPHAN - Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011.
- JUNQUEIRA, S; KADLUBITSKI, Lidia. Diversidade religiosa na educação no Brasil. **Revista Interações**, Uberlândia, v.7, n.11, p. 179-197, jan.-jun. 2011.
- LUKÁCS, Georg. **Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels**. In: _____. Ensaios sobre literatura. Coordenação e prefácio de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 11-42. (Biblioteca do Leitor Moderno, v. 58).
- MONTE VERDE, Dêmonteverde; MONTE VERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2003.
- PRESIDENTE do Caprichoso tem contas aprovadas sob protestos de sócios. **Portal de Amazônia**. Parintins, 08 julho 2019. Disponível em: <https://para.deamazonia.com.br/?q=278-conteudo-105828-presidente-do-caprichoso-tem-contas-aprovadas-sob-protestos-de-socios>. Acesso em: 02 out. 2020.
- RAMOS, Arthur. **O ciclo do totemismo**. In: O Negro Brasileiro. Etnografia Religiosa e Psicanálise. 2ª Ed. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1988. Capítulo XII. p. 249-270.
- RODRIGUES, Allan S. B. **Boi-bumbá: evolução**. Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006.
- RODRIGUES, Allan S. B. Auto da Resistência Cultural. **Garantido – Auto da Resistência Cultural**. Parintins, p. 8, junho, 2018a.
- RODRIGUES, Allan S. B. (org.). **Auto da Resistência Cultural: identidade e resistência**. Manaus: Reggo Edições, 2018b.
- RODRIGUES, Allan S. B. (org.). **Auto da Resistência Cultural: diversidade e resistência**. Manaus: Reggo Edições, 2018c.
- RODRIGUES, Allan S. B. (org.). **Auto da Resistência Cultural: consciência e resistência**. Manaus: Reggo Edições, 2018d.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos; 110).
- SANTOS, Adalberto Silva. Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4., 2008, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Encult, 2008. p. 1-18. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/encult2008/14437-01.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.
- SARTE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- SAUNIER, Tonzinho. **Parintins, Memória dos Acontecimentos Históricos**. Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.
- SECOM. **Bumbás Caprichoso e Garantido recebem apoio do Governo do Amazonas e da Coca-Cola**. 2019. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2019/04/bumbas-caprichoso-e-garantido-recebem-apoio-do-governo-do-amazonas-e-da-coca-cola/>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- SILVEIRA, Diego Omar da; BIANCHEZZ, Clarice. Vozes e identidades plurais: uma análise da diversificação do campo religioso em Parintins (AM) a partir de relatos orais. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 56-80, jun. 2019. Semestral. Disponível em: <file:///C:/Users/LENOVO/AppData/Local/Temp/866-106106106551-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.
- SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes; PINTO, Danielle Carvalho; CALDAS, Delcimar Batista. O auto do bumba-meu-boi: cultura popular como instrumento de alfabetização. **Revista de Ciências da Educação**, [S. L.], v. ., n. 28, p. 134-146, 28 ago. 2013. Semestral. Disponível em: <https://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/247>. Acesso em: 03 out. 2020.
- UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. **UNESCO**, 2002. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> Acesso em: 02 out. 2020.
- VIANA, Francisco Ribeiro; LINS, Eunice Simões. DIVERSIDADE ÉTNICA ECULTURAL: ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DE JOGOS POPULARES. **Rdive**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 89-97, jun. 2018. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rdive/article/view/43174/29902>. Acesso em: 02 out. 2020.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020

Autor:

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues - Professor Doutor. Docente do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação. Jornalista.

E-mail: allan30@gmail.com.